**A hiperconexão como sintoma contemporâneo:**

**o paradoxo da conexão na comunicação digital em tempos extremos**

Jeferson Moreira Gonçalves[[1]](#footnote-1)

**Resumo:** O presente trabalho é um exame acerca da hiperconexão como um sintoma, este entendido sob um olhar lacaniano, na contemporaneidade. Frente aos tempos extremos surgidos pela pandemia da COVID-19, ficamos diante de um paradoxo da conexão em um momento que estamos munidos de aparatos tecnológicos de comunicação, mas nos sentimos desamparados, já com registros de impactos na nossa vida psíquica. Esses pontos tanto revelam algumas características da cibercultura e as perspectivas da nossa realidade hiperconectada na internet, como abrem caminhos para a reflexão sobre um mundo pós-pandemia.

**Palavras-chave:** internet; cibercultura; hiperconexão; sintoma; conexão.

**Tempos extremos**

 Desde o dia 11 de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) (UNA/SUS) caracterizou a COVID-19 como uma pandemia, podemos dizer que todas as estruturas sociais da nossa vida foram abaladas. A crise de saúde pública mundial trazida à tona pela doença tem poucos precedentes na nossa história contemporânea. Isso porque em um mundo globalizado, seus efeitos circulam e nos impactam de um modo mais acentuado, Ainda hoje, não somos capazes de esclarecer todas suas nuances e desdobramentos sobre a economia, a política, a sociedade e a nossa psique.

 Todas as alterações contemporâneas e ainda em circulação trazidas pela pandemia revelam tempos extremos ao qual todos nós somos agentes e atores. Vale dizer também que, nesse momento, estamos sendo impactados por uma crise externa, ou seja, que afeta a todos os sujeitos e se internaliza de diferentes modos individualmente. Dado que ainda não existe uma profilaxia efetiva em combate ao vírus, a medida preventiva mais eficaz para o controle da disseminação da doença é o isolamento social, ou seja a limitação do nosso contato físico com o outro.

 Diferente de outras pandemias ao longo da história, a pandemia da COVID-19 se inscreve em um momento da contemporaneidade em que somos mais do que nunca conectados e mediados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Como McLuhan e Fiore (2018) propõem, esses meios nos questionam e eles são abrangentes em implicações pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais que moldam nossos aspectos mais diversos. Ainda no pensamento dos teóricos, "nenhum entendimento de mudança social e cultural é possível sem saber de que forma as mídias operam como ambientes. Todas as mídias são extensões de alguma faculdade humana - psíquica ou física” (MCLUHAN; FIORE, 2018, p.26).

Neste momento de acentuação do uso desses meios para buscar a conexão com o outro, o único lugar que nos permite esse fazer é o virtual, entendido aqui como um espaço da cibercultura, mas que frequentemente surge como contraposto ao que é dito como real, como se a realidade não abrangesse a virtualidade. Lévy pontua que o virtual é “aquilo que existe apenas em potência e não em ato” (2010, p. 49), para ele o virtual se contrapõe ao que é atual, pois é "capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LÉVY, 2010, p. 49). Assim, na cibercultura, o virtual é também um modo da realidade.

Se nessa lógica elaborada por Lévy (2010), a virtualidade pode ser "desterritorializada", podemos pensar as nossas conexões na internet com um olhar psicanalítico, considerando que esse lugar do virtual seja, tal como o inconsciente, uma estruturação de linguagem. Para evocar o que está inscrito no virtual, portanto, aqui considerado a comunicação digital, surgem os sintomas. Sintoma esse entendido em uma perspectiva lacaniana, uma vez que estruturado como linguagem, manifesta de modo involuntário e não intencional algo que existe no inconsciente. Nesse entendimento, é como se a hiperconexão fosse um chamado interiorizado dentro da comunicação digital.

A acentuação de consumo tecnológico, como inscreve Crary (2016), impede que criemos momentos de familiaridade. O produto dessas interações com a tecnologia passa a "integrar o cenário de nossas vidas" (2016, p. 53). É difícil também estabelecer momentos de pausa e play dentro dos dispositivos, isso porque a função deles é "proporcionar ao usuário uma realização ainda mais eficiente de suas próprias tarefas e funções da rotina" (2016, p. 53). Mas se todas nossas tarefas agora estão inscritas no dispositivo, passamo a um momento em que é necessário avaliar nossas experiências conectadas, como Crary (2016) ressalta: “mais do que pensar sobre o funcionamento e os efeitos particulares de novas máquinas ou redes específicas, importa avaliar como a experiência e a percepção estão sendo reconfiguradas pelos ritmos, velocidades e formas de consumo acelerado e intensificado” (CRARY, 2016, p. 48).

**A hiperconexão como sintoma**

 Se nesse momento de pandemia, dispomos apenas da virtualidade para saciar nossos desejos, a comunicação digital e a conexão via internet ganham maior destaque em todos os aspectos sociais, econômicos e psíquicos. Consideremos esse momento como uma hiperconexão e essa hiperconexão com os meios digitais como um sintoma, no sentido lacaniano do termo (Lacan, 1998), uma vez que ele pode ser estruturado como linguagem.

 A linguagem da hiperconexão mune os sujeitos de aparatos tecnológicos da comunicação digital para efetuarem suas trocas afetivas e simbólicas, e, dentro desses mesmos aparatos, eles buscam a satisfação desse sintoma, ao que Lacan nos diz: "o que a experiência analítica nos ensina em primeiro lugar é que o homem é marcado, é perturbado por tudo aquilo a que se chama sintoma – na medida em que o sintoma é aquilo que o liga aos seus desejos" (LACAN, 1992, p. 262-263).

 Com base nos precedentes da temática elaborados por Freud, Lacan sugere que no sintoma há uma satisfação dos desejos, assim como nas demais formações do inconsciente, mas é uma satisfação às avessas (Lacan, 1957- 1958/1999, p. 331). Lacan vai argumentar também que o sintoma não pede a interpretação, "o que descobrimos no sintoma, em sua essência, não é um apelo ao Outro, não é o que mostra o Outro; o sintoma em sua natureza é gozo [...]" (1962- 1963/1997-1998, p. 134). Esse gozo seria o que resta ao final da experiência do desejo, a manifestação primária do sintoma. Nessa lógica, mesmo após um sintoma ser interpretado, o sujeito não renunciará a ele.

A hiperconexão, nessa metáfora, é então um sintoma - um chamado - para a nossa busca pela conexão na comunicação na cibercultura. Os dispositivos de comunicação digital são tanto os caminhos que nos ligam hoje - na perspectiva do isolamento social - ao nosso desejo e também os aparatos para a organização do nosso gozo, à manutenção do Eros. Para Flusser (2017), a comunicação é um processo artificial criado pelo homem para livrar-se da realidade do seu maior medo, a finitude da vida. A comunicação, portanto, cria estratégias para a manutenção da vida, para a existência do sujeito.

A comunicação humana é um artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida con- denada à morte. Sob a perspectiva da “natureza”, o homem é um animal solitário que sabe que vai morrer e que na hora de sua morte está sozinho. Cada um tem de morrer sozinho por si mesmo. E, potencialmente, cada hora é a hora da morte. Sem dúvida não é possível viver com esse conhecimento da solidão fundamental e sem sentido. (FLUSSER, 2017, p. 87)

 Sob um olhar flusseriano, esse caráter artificial da comunicação, no entanto, nem sempre é consciente. Flusser diz que após aprender algum código, linguagem, "tendemos a esquecer a sua artificialidade" (2017, p.86), mas seria esse mesmo processo de artificializar a comunicação para esquecer da condição da morte que transformaria a vida em uma experiência "*vivível*" (2017, p.92). A comunicação é o que nos permite a criação do espaço fantasmático da existência, a experiência do gozo. No período pandêmico atual, a comunicação intermediada pelos dispositivos de tecnologia é que tem dado o caráter *vivível* a nossa vida, pois é ela que tem nos ligado ao outro.

Turkle (2011) compreende que as tecnologias nos garantem novas formas de lidar com o vulnerável e com o inevitável. Para ela, a virtualidade nos permite a construção de relacionamentos de intimidade sem que a haja o comprometimento exigido nas relações humanas físicas (TURKLE, 2011, p. 280). Essa lógica ocorreria porque, nas palavras de Turkle, em relações virtuais podemos "controlar a intensidade" (2011, p. 13), ao passo que fazemos o pedido de "trabalho de amor" (2011, p. 107), ou seja, pedimos o cuidar uns dos outros nesse ambiente. Essas dinâmicas alterariam nossas formas de relação construídas ao longo de muito tempo e contribuem também para o nosso entendimento da cibercultura pois "na medida em que as pessoas passam tempo em lugares virtuais, acontece uma pressão, uma espécie de expressão do desejo humano de tornar mais permeáveis as fronteiras do real e do virtual" (TURKLE, 1999, p. 118).

Com o chamado para a interação virtual intensificado, devido ao isolamento social, a vida coletiva e social passa a ser on-line. Wellman (2001) havia afirmado que já não há uma distinção entre os mundos on-line e off-line, mas sim uma continuidade. O aspecto tradutor da comunicação digital favorece a criação de uma ideia de fusão entre os chamamos mundo real e mundo virtual. Essa convergência do real e virtual ao mesmo tempo em que nos coloca repletos de aparatos tecnológicos, mantém dinâmicas anteriores ao seu surgimento. Crary (2016, p. 75) expressa que a modernidade é marcada pela experiência híbrida e dissonante de vivermos simultaneamente espaços e velocidades modernizados e habitarmos resquícios de estruturas pré-capitalistas.

A cibercultura se inscreve nesse espaço tempo em que essas próprias noções são abaladas, ela apresenta um aspecto bem observado por Kozinets (2010), uma vez que ela molda e, ao mesmo tempo, é moldada pelos indivíduos, marcando o caráter da virtualidade. Ela ainda, como inscreve Foucault (1999), cria uma rede de dinâmica de poder e "nessa rede, não só os indivíduos circulam, mas estão sempre em posição de ser submetidos a esse poder e também de exercê-lo. Jamais eles são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre seus intermediários" (FOUCAULT, 1999, p. 35).

A maneira como a tecnologia e a cultura interagem é uma dança complexa — um entrelaçamento e um entrançar. Esse elemento de mudança tecnocultural está presente em nossos espaços públicos, em nossos locais de trabalho, em nossos lares, em nossos relacionamentos e em nossos corpos — cada elemento institucional misturado a todos os outros. A tecnologia molda e reformula constantemente nossos corpos, nossos lugares e nossas identidades, e também é moldada para as nossas necessidades. (KOZINETS, 2010, p. 22, tradução livre)

Han (2017a) alerta sobre a negatividade pouco presente na cibercultura de modo geral, e sobre como nas relações virtuais acontece o contrário do esperado, o distanciamento do outro, pois nesses lugares "se elimina o fora. (...) ali encontra-se apenas o si mesmo e os que são iguais; já não há mais negatividade, que possibilitaria alguma modicação" (2017b, p. 81). Han (2017a) salienta que o sujeito de desempenho pós-moderno dispõe de uma carga tão exagerada e intensa de informações que não é capaz de estabelecer relações intensas, marcando um estágio de sociedade que não mais se manifesta como disciplinar, mas sim de desempenho. O cansaço gerado pela sociedade do desempenho, atrelado ao chamado pela hiperconexão, está mudando a nossa forma de relacionamento e entendimento com o tempo e o espaço, medidas que por muito tempo seguiram certa primazia inquestionável. Além de causar uma pobreza do olhar, já que "a comunicação digital é uma comunicação pobre de olhar" (2019, p. 47), ela é também pobre em alteridade.

Também os novos meios de comunicação e as técnicas de comunicação estão destruindo cada vez mais a relação com o outro. O mundo digital é pobre em alteridade e em sua resistência. Nos círculos virtuais, o eu pode mover-se praticamente desprovido do “princípio de realidade” (HAN, 2017a, p. 91)

Essa análise proposta por Han mostra que o sujeito contemporâneo já carrega consigo um cansaço do desempenho, pois ele é "totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a autoerosão e ao esvaziamento" (2017a, p. 91). Se nos dispositivos virtuais de comunicação digital o eu só se encontra consigo mesmo, pois "esse mundo humano conectado em rede leva a um auto espelhamento permanente" (2019, p. 42), eles provocam em si uma ruptura com a relação com o outro, o que Han completa poder causar uma "crise de gratificação" (2017a, p. 83) porque ela depende da relação em conjunto.

 Seria dado então um paradoxo pela busca de conexão e relação nos dispositivos de comunicação digital, se Flusser (2017) vai nos dizer que é a comunicação que nos permite seguir de modo *vívivel* e fugir da solidão, como compreender a efetividade dessa conexão em um ambiente virtual tendo em vista tudo que Han (2017c) nos mostra? Se o próprio excesso de conexão com os meios está originando sujeitos depressivos e narcísicos, na perspectiva do autor, como refletir sobre nosso sintoma pela conexão nesse tempo em que a maior parte das nossas trocas afetivas passa por uma mediação virtual?

**Paradoxo da conexão**

Manuel Castells (2003) argumenta que a internet pode ser interpretada como o verdadeiro motor das sociedades contemporâneas, comparando-a com as revoluções ocasionadas pela energia elétrica no seu surgimento em outro tempo. O autor também explora a ideia de que a internet criou o seu sujeito, o "cidadão da internet" (2003, p. 98), mas essa ordem simbólica de percepção garantiu aos usuários uma sensação de um espaço livre para viver suas próprias fantasias de modo virtual, sem as preocupações do mundo real.

Para conceber essa ideia do "cidadão da internet" de Castells, cabe pensarmos no termo 'interação simbólica'. Ora, os sujeitos somente veriam os espaços virtuais de comunicação como esferas propícias às suas manifestações de fantasia, porque os seres humanos "interpretam ou ‘definem’ as ações recíprocas do outro relacional, ao invés de meramente reagir às ações reciprocamente direcionadas", as respostas humanas nos meios não são baseadas unicamente nas ações de outros, mas sim "no sentido que eles atribuem a tais ações. (...) a interação humana é mediada pelo uso de símbolos, pela interpretação, ou pelo exercício assertivo do sentido de ações reciprocamente direcionadas” (BLUMER, 2017, p. 15). Castells ainda valida que a proliferação de estudos, pesquisas e análises sobre o assunto da internet acaba por distorcer a percepção de sua prática social, pois a mostra como "o terreno privilegiado para as fantasias pessoais" (CASTELLS, 2003, p. 99-100). Para o autor, todas as representações e interações na rede vão moldar o caráter próprio da internet.

Podemos tomar emprestado de Marcuse a ideia de homem unidimensional para refletir sobre o sujeito e suas conexões na cibercultura. Em um espaço favorável para a configurações de fantasias individuais, torna-se difícil o trabalho do esclarecimento, de distinção de perícia e retórica. De certa forma, ao passo que os dispositivos de comunicação digital levam os sujeitos aos seus êxitos, eles também contribuem para o próprio processo de enfraquecimento do homem.

Os setores mais avançados da sociedade industrial ostentam completamente esses dois fatores: a tendência para a consumação da racionalidade tecnológica e esforços intensos para conter essa tendência no seio das instituições estabelecidas. Eis a contradição interna dessa civilização: o elemento irracional de sua racionalidade. É o totem de suas realizações. A sociedade industrial que faz suas a tecnologia e a ciência é organizada para a dominação cada vez mais eficaz do homem e da natureza, para a utilização cada vez mais eficaz de seus recursos. Torna-se irracional quando o êxito desses esforços cria novas dimensões de realização humana. (...) as instituições que serviram à luta pela existência não podem servir à pacificação da existência (MARCUSE, 1973, p. 36).

Olhar para a internet como um espaço propenso para a manifestação de fantasias também nos ajuda a refletir sobre nossas atuações nela. Para Freud (1908), as fantasias são mediações com a relação com o objeto e Lacan (1999) inscreve que as construções fantasiosas também irão delinear a realidade psíquica dos sujeitos. Para Quinet (2002), a fantasia também é uma armadilha do olhar, pois permite que o sujeito seja enganado e fascinado, uma vez que ele “considera o quadro da fantasia sua janela para o mundo” (2002, p. 162).

Freud em *Escritores criativos e devaneios* (1908) compara o ato de brincar infantil com o fantasiar. Ele justifica que no caso do brincar infantil, a ação é um ato criativo uma vez que é necessário criar um mundo imaginativo próprio, no qual seja possível ajustar e corrigir elementos. Para Freud, a criança distingue o ato brincar da realidade, diferenciando o brincar do fantasiar pois “as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (1908, p. 81). Na vida adulta, os sujeitos substituem o brincar pelo fantasiar, preenchendo a tela de fantasia com seus desejos insatisfeitos ou ainda não expressos e, por que não, com seu sintomas da hiperconexão. Wine (1992) chama a fantasia de uma tela sobre o real, pois ela "evidencia também que há algo por trás dela, um vazio, a falta real. Enquanto tela, permite ao sujeito ‘criar’ um objeto no lugar do objeto faltoso" (1992, p. 54), mostrando que todas nossas relações com outros sujeitos e meios são "telas" em que também projetamos nossas fantasias.

Se a fantasia é, assim interpretada, como o espaço de criação de um objeto faltoso, esse objeto faltoso na contemporaneidade de isolamento social é a conexão. E na impossibilidade do encontro físico, acentua-se o próprio aspecto fantasioso da internet, pois este é hoje nosso único lugar permitido de encontro. Essa reflexão encontra subsistência quando pensamos no consumo de internet pela sociedade. Um levantamento da Statista (2017) mostrou que, na época, os brasileiros passavam cerca de 4 horas e 48 minutos por dia no celular, dado que colocava o Brasil como líder em tempo gasto pelos usuários nos dispositivos. Apesar do uso desses meios para buscar a conexão com o outro e satisfazer seus desejos, Deuze (2011) argumenta que a realidade vivida não pode ser uma experiência separada ou fora da mídia (2011, p. 140).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a depressão se tornou a doença mais comum do mundo nas últimas décadas, ainda segundo o órgão, menos da metade dos afetados por depressão ao redor do mundo recebem tratamento adequado (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2018). Podemos entender a depressão como uma manifestação simbólica do incontrolável, como define Ehrenberg (2004).

Na era das possibilidades ilimitadas, a depressão simboliza o incontrolável. Podemos manipular nossa natureza espiritual e somática, podemos reprimir nossas limitações usando diver- sos recursos, mas essa manipulação não nos liberta de nada. As coações e as liberdades acabam se modi cando, mas “nem por isso se reduz o irredutível” (EHRENBERG, 2004, p. 277).

 O pesquisador John Cacioppo mostrou em pesquisa que uma em cada três pessoas se sente sozinha na sociedade hiperconectada e nas redes sociais (CACIOPPO; CACIOPPO, 2016). Esse sentimento se acentua porque as raízes do impulso humano para a conexão são muito profundas e "a sensação de isolamento pode minar nossa capacidade de pensar com clareza, um efeito que tem certa justiça poética, dado o papel da conexão social na formação de nossa inteligência" (CACIOPPO; PATRICK, 2008, p. 11). O sentimento de solidão acentuado é um produto de nosso tempo, ela surge do vazio natural de cada indivíduo e em casos mais graves pode levar a estágios patológicos. Apesar de ser um sentimento por vezes comum, diversos estudiosos têm elencado questões preocupantes relacionadas aos sentimentos de solidão e isolamento na internet.

 Hawley e Cacioppo (2010, p. 2018) mostraram que cerca de 80% das pessoas menores de 18 anos e 40% das pessoas adultas acima dos 65 anos relatam sentimentos de solidão, e esse sentimento tende a diminuir conforme a vida adulta chega, mas aumenta na velhice. Cacioppo reflete também sobre os riscos de mortalidade que a solidão pode trazer, em seus estudos ele mostra que esses riscos se assemelham ao tabagismo (CACIOPPO; CAPITANIO; CACIOPPO, 2014), isso porque relações sociais, tal como a falta delas, impactam o cérebro, a saúde e o bem-estar do indivíduo. Fazendo da solidão um fator de risco significativo para a auto-flagelação, depressão e suicídio (LALAYANTS; PRINCE, 2014; MAJORANO, 2015).

Johann Hari (2018) em seu livro *Lost Connections: uncovering the real causes of depression — and the unexpected solutions*, argumenta que os casos de depressão e ansiedade são mais comuns em pessoas que mantêm menos vínculos sociais. É como se esses sentimentos patológicos estivessem mais presentes em pessoas com menos conexões com outras pessoas - o que nos faz questionar sobre o paradoxo das conexões virtuais. Hari (2018, p. 73) comenta que a solidão paira sobre nossa cultura hoje como uma poluição e argumenta se esse sentimento pode estar relacionado com o crescente número de casos de depressão e ansiedade. Para responder à questão ele contata pesquisadores que há décadas estão se debruçando sobre a temática. Um deles é o pesquisador John Cacioppo, que já havia mostrado efeitos colaterais da solidão na vida física dos indivíduos, mas ainda buscava respostas para as correlações entre solidão e os crescentes casos de depressão e ansiedade.

Após uma pesquisa realizada na Universidade de Chicago com 135 pessoas identificadas como muito solitárias, Cacioppo destacou que elas também eram ansiosas, tinham baixa autoestima e apresentavam inseguranças para a convivência em grupo. Esse levantamento foi chave para entender que a solidão não era simplesmente o resultado de um indício depressivo, mas que poderia sim levar a depressão: “A solidão, concluiu ele, está causando uma quantidade significativa de depressão e ansiedade em nossa sociedade” (HARI, 2018, p. 77). Em entrevista ao *The Atlantic* (KHAZAN, 2018), John Cacioppo explica que há uma diferença entre estar sozinho e se sentir solitário. Ele conta que os pacientes em um hospital, por exemplo, têm todo apoio que poderiam necessitar, mas tendem a se sentir sozinhos.

Hari (2018) observa que na contemporaneidade "fazemos mais coisas juntos que qualquer humano" em outro tempo (p. 80, tradução livre), e conta que antes do colapso econômico de 2008 já vivíamos um colapso social que havia abalado com as estruturas que nos protegiam "da família à vizinhança". A pandemia da COVID-19 pode se inscrever no futuro como o outro grande momento de ruptura das nossas estruturas, a solidão causada pelo isolamento social, como Hari escreve pode "moldar a forma com que vamos nos relacionar com alguma coisa, ela pode moldar nosso cérebro" ( 2018, p. 84).

Acabei de abrir o Facebook. Setenta de meus amigos, eu vejo, estão on-line agora, em vários continentes. Eu poderia falar com eles imediatamente. Ao pesquisar para este livro, continuei encontrando essa aparente contradição: estava viajando pelo mundo aprendendo como nos tornamos profundamente desconectados — e então eu abria meu laptop, para mostrar que estamos mais conectados agora do que nunca antes em qualquer ponto da história humana (HARI, 2018, p. 84, tradução livre).

Uma pesquisa[[2]](#footnote-2) recente do *Fudan Institute of Health Communication* em Xangai, na China, buscou justamente entender as relações entre exposição e consumo de redes sociais durante o período de isolamento e seus potenciais efeitos na saúde mental dos chineses. Dos dados obtidos, notou-se um expressivo aumento nos casos de depressão e ansiedade, especialmente na população de Wuhan. O estudo transversal mostrou que entre 4827 participantes o índice de transtornos de ansiedade e depressão foi de 16,6%, para 48,3% em episódios de depressão e 22,6% em episódios de ansiedade durante o período de isolamento social. Esses número ajudam a elaborar que momentos de emergência em saúde pública podem causar efeitos na saúde mental da população.

O estudo do *Fudan Institute* também mostrou que 82% dos participantes são usuários frequentes de redes sociais e abre perspectivas para o que se vem chamando de '*Infodemia*', temo que se refere a grande quantidade de informações não confiáveis e não legítimas divulgadas na internet. Os pesquisadores mostraram também que bombardeio de notícias falsas sobre a COVID-19 alimentou sentimentos negativos, de medo, preocupação e nervosismo entre os participantes. Também foi destacado a o caráter contagiante desse sentimento negativo dentro das redes sociais e que os habitantes de cidades com situações mais acentuadas da pandemia podem ter que enfrentar problemas mentais mais graves, como os de Wuhan, por exemplo.

Estudos como esse do *Fudan Institute* nos abrem caminhos para juntar todo referencial teórico apresentado sobre a cibercultura e o estágio da comunicação digital e, assim, compreender seus desdobramentos nos sujeitos em tempos extremos. Além de criação de políticas de divulgação de saúde mental nas redes sociais, o estudo sugere atenção para a circulação de notícias falsas e o combate à *Infodemia*. O ambiente virtual pode ser caracterizado desse modo ainda misterioso em seus efeitos porque, como Hari pontua, A internet se estruturou prometendo conexões em um tempo em que todas as formas de desconexão estavam em uma crescente e em um tempo em que as pessoas estavam perdendo o seu senso de conexão uns com os outros (HARI, 2018, p. 84-85 e 88).

Parigi e Henson (2014) se baseiam no termo “*alone together*” para exemplificar como a tecnologia impede a profundidade dos relacionamentos entre os sujeitos. Suas pesquisas mostraram que as pessoas encontram companhia facilmente, mas estão exaustas pelas pressões do desempenho (PARIGI; HENSEN, 2014, p. 161), ressaltando a ideia do cansaço contemporâneo por conta do ideial de desempenho já analisado por Han (2017a, 2017b). Os meios digitais facilitam também a sensação de saber tudo que se passa na vida do outro, o que está relacionado ao medo de perder algo, ou em termos mais contemporâneos em FOMO, o chamado *fear of missing out*. Gianesini e Birghi (2015, p. 32) argumentam que hoje podemos estar cientes do que acontece na vida de outras pessoas nem precisar interagir com elas, o que cria uma relação unilateral de interação capaz de criar sentimentos de exclusão e inferioridade, podemos mais uma vez, neste caso, fantasiar não somente sobre o eu, mas também sobre o outro.

Um outro estudo de 2016, conduzido por Liu yi Lin e demais pesquisadores da Universidade de Pittsburgh, avaliou 1787 pessoas entre 19 e 32 anos nos Estados Unidos e encontrou uma relação entre a quantidade de tempo que as pessoas passavam em sites de redes sociais e o número de sintomas depressivos que elas expressavam. Quanto maior era o tempo de uso, mais as pessoas demonstravam falta de esperança, valor e se sentiam indefesas. Apesar do encontrado, os pesquisadores ressaltam que pessoas que já tenham depressão podem passar mais tempo usando redes sociais e que essas formas de comunicação poderiam ganhar ainda mais destaque para esse grupo devido ao seu caráter de fácil acesso e controle. Senol-Durak e Durak (2010, p. 29) demonstram que indivíduos que já apresentam baixos níveis de satisfação com a vida acabam atingindo níveis mais altos de uso problemático da internet, pois ela pode ser vista como um meio de se escapar dos problemas de autoestima, uma vez que como pontou Castells (2003) na internet tem-se a ideia de um espaço livre para o fantasiar individual.

Esse paradoxo ocasionado pelo busca de conexão na internet e seus abrangentes efeitos e significados pode ser um entendido como uma grande questão da nossa contemporaneidade, especialmente em um período de ruptura da esfera social como o que vem sendo causado pela pandemia da COVID-19. Como Hari (2018, p. 83) pondera, o fim da solidão se dá quando o sujeito ou o grupo compartilham do mesmo objeto. Mas como buscar hoje por esse mesmo objeto que possa nos ligar a um objetivo maior? Não seria esse mesmo paradoxo da hiperconexão um reflexo da estrutura social do capitalismo contemporâneo?

**Rumo a um mundo pós-pandêmico**

A crise paradoxal da hiperconexão não deixa de ser um reflexo do atual estágio econômico do capitalismo, ao que Lipovetsky e Serroy se referem como hipercapitalismo. Segundo os autores, em um mundo globalizado, "o hipercapitalismo faz crescer a insegurança tanto social quanto individual", pois "não acarreta apenas uma instabilidade macrofinanceira, mas também desestabiliza as personalidades e identidades, desequilibra a vida mental e moral dos indivíduos tornando inseguros e que já não dispõem do apoio dos antigos quadros de vida coletiva" (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 37).

A realidade hiperconectada é o desdobramento da hipermodernidade e é um efeito da transição do pós-moderno. Em *Os tempos hipermodernos* (2004), Lipovetsky e Charles caracterizam a hipermodernidade como uma sociedade marcada pela fuidez e pela flexibilidade, carregando consigo os efeitos da indiferença causados na pós-modernidade. Vale lembrar, que na ideia de Lyotard, o pós-moderno "seria composto por uma essencialidade cibernética, informatizada e informacional. O saber seria legitimado pela ciência, pelo virtual e pelo artificial. A verdade seria o resultado da vitória do discurso mais sedutor ou daquele mais forte para impor o seu discurso" (KARASEK, 2010, p. 79). Charles (apud LIPOVETSKY, 2004, p. 23) ressalta que, na pós-modernidade, “todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio”.

Esse aspecto da cibercultura como produto da pós-modernidade, como um lugar onde a realização individual possa prevalecer, tem sido posto em discussão diante da pandemia da COVID-19. Como o estudo do *Fudan Institute* mostrou, hoje uma segunda batalha a ser vencida é a *Infodemia*. Uma vez que já um jogo de narrativas em que cada uma tenta provar sua verdade on-line, nossas referências podem ser rompidas. Como sugerem Lipovetsky e Serroy (2011, p. 31-32), essa visão de mundo causa uma desorientação sobre os indivíduos, pois esse aspecto consegue romper nossos pontos de referência: “O desnorteio hipermoderno aumenta paralelamente com a excrescência do universo tecno-midiático-mercantil e com o estilhaçamento dos enquadramentos coletivos, a individualização da existência, deixando os indivíduos à mercê de si mesmos”.

 A *Infodemia* também traz uma noção de cálculo à conexão no digital, ela gera uma economia da atenção. Tal qual Han (2017a, 2018) inscreve, o excesso de positividade é manifestado como excesso de estímulos, informações e impulsos (HAN, 2017a, p. 31). Essas configurações tomadas por positividade fragmentam o que chamamos de atenção e constroem sujeitos em uma época pós-moderna em que é observado um retrocesso devido às fragilidades do foco. Estaria ficando cada vez mais difícil e impossível garantir a atenção profunda e isolada em apenas uma situação ou objeto. A *Infodemia*, como também Han teoriza, tem um aspecto de disseminação muito veloz pois "uma informação (...) mesmo com significância muito pequena, se espalha rapidamente na internet como epidemia ou uma pandemia" (2018, p. 99).

 A sensação de controle gerada pela conexão na cibercultura pode modificar nossa busca e expressão de afetos. Badiou e Truong (2013) dissertam sobre a criação de uma previsibilidade e planejamento das nossas relações amorosas. Previsibilidade essa que hoje é possibilitada em aplicativos e redes sociais, mas que os autores criticam que a mensagem disseminada estaria rompendo com a visão de amor e entregando para os indivíduos uma ideia de que o sentimento está desvinculado de acontecimentos negativos. Eles ressaltam que o amor "nos conduz ao campo de experimentação fundamental daquilo que é a diferença e, no fundo, à ideia de que é possível experimentar o mundo a partir da diferença” (2013, p. 17). Uma mídia que se propõe a mediar nossos afetos precisa também nos mostrar o diferente e não só o igual.

 Alter (2018) chega a falar em uma crise de empatia que os sistemas tecnológicos digitais de comunicação estariam nos levando - "uma análise de 72 estudos revelou que, de 1979 a 2009, a empatia vem diminuindo entre alunos de faculdade. Eles exibem uma probabilidade menor de assumir a perspectiva alheia e mostram menos preocupação com os outros. O problema é grave entre os meninos, mas é pior entre as meninas. Segundo um estudo, uma em cada três adolescentes diz que pessoas da sua idade são quase sempre cruéis com as outras nas redes sociais. O mesmo se dá para um em cada onze meninos entre doze e treze e um em seis com idade entre quatorze e dezessete anos" (ALTER, 2018, p. 39). É necessário olhar para a conexão digital e para a cibercultura como espaço público, pois "enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e contudo evita que colidamos uns com os outros por assim dizer" (ARENDT, 2001, p. 62). Nessa perspectiva de Hannah Arendt, podemos registrar como o espaço da virtualidade deve ser também um espaço público em que todos possamos acessá-lo e sermos agentes de sua construção.

A dimensão e abrangência da tecnologia se inscreve como uma tendência pouco questionável no seio da contemporaneidade. Castells elaborou que todas as atividades humanas relevantes em qualquer lugar do mundo estariam em conjunto com das redes, “as quais se concentram o poder, a riqueza, a cultura e a capacidade comunicativa” (2018, p. 93). Para o autor, não há como fugir da presença da tecnologia e da internet, pois "enquanto quiser viver em sociedade, neste tempo e neste lugar, você terá de estar às voltas com a sociedade de rede. Porque vivemos na Galáxia da internet" (CASTELLS, 2003, p. 230).

Daí surge tamanha a importância de nos educarmos para a hiperconexão. Na tese de Luciano Floridi (2014), as sociedades passaram por uma nova transição histórica e se originou a hiper-história. Nesse momento da hiper-história, todos os exercícios políticos e sociais dos sujeitos são reformulados e refundados e não há mais nenhum tipo de distinção ou de separação entre o que é real e virtual, on-line e off-line, no espaço da cibercultura não nos cabe mais estabelecer um olhar que enquadre essas definições em pólos opostos, elas são tanto constituintes da nossa experiência contemporânea. A partir dessa reformulação de mundo, Han (2018) revela um tempo em que todos somos consumidores e produtores de informação, "não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos" (HAN, 2018, p. 36) isso porque também "não a multidão, mas sim a solidão caracteriza a constituição social atual (HAN, 2018, p. 33).

Como Bridle (2019) justifica sobre a importância da alfabetização sobre a tecnologia, é cada vez mais necessário pensar as novas tecnologias de outros modos e criticá-las, pois "se não entendemos como as tecnologias complexas funcionam, como os sistemas tecnológicos se interconectam e como os sistemas de sistemas interagem, ficamos impotentes dentro desses sistemas, e o potencial que eles têm é aprisionado de maneira ainda mais fácil pelas elites" (2019, p. 11). Bridle propõe uma reformulação no que aprendemos com e sobre a tecnologia, mostrando que é importante entendê-las, conhecer suas origens, seus limites e manipulá-las. Ele argumenta sua tese com o pensamento filosófico, já que "se a filosofia é aquela fração do pensamento humano que lida com o que a ciência não pode explicar, então a alfabetização em sistemas é o pensamento que lida com um mundo que não é computável, embora reconheça que ele é irrevogavelmente moldado e animado pela computação" (2019, p. 11-12).

Diante desse tempo extremo de pandemia da COVID-19 e isolamento social, mostra-se também um tempo importante também avaliar a característica de mero flâneur que a conexão digital pode oferecer, indo em direção a uma busca não só da experiência, mas também do conhecimento em uma experiência fenomenológica do uso dos meios. Decerto, no emprego dessa forma de relacionar nossa comunicação com a tecnológica, talvez tenhamos compreendido o paradoxo da nossa busca por conexão e os caminhos que ora nos afastam e ora nos aproximam desse desejo. Como Lipovetsky e Serroy bem pontuam, “as telas não são responsáveis pelo grau de cultura ou de incultura que veiculam. É a utilização que se faz delas que está em pauta. Ignorá-las equivale a desligar-se do mundo tal qual como ele é, quando elas podem ser, por uma política que as otimize, um meio privilegiado de enriquecer os indivíduos e civilizar a cultura mundo” (2001, p. 184).

 Com poucos precedentes históricos, mas revelando e trazendo à superfície questões caras à humanidade - especialmente nesse momento do contemporâneo - a pandemia da COVID-19 não tem ainda todos seus efeitos manifestados. Temos a consciência hoje de ser a primeira crise em escala global amplamente conectada e estamos ainda compreendendo todos os seus efeitos. Mas com a consciência que é de nossa natureza a busca por conexão e, uma vez que estamos impossibilitados de manter o contato físico com o outro, cabe levantarmos todas esses pontos sobre esse sintoma que é a hiperconexão e como ele se projeta em nossa existência. Se nos resta um futuro marcado pelo on-line, é necessário que o conheçamos e que nos reconheçamos nele, para então fazer dessa experiência um modo de viver novo e *vivível*, como aquele que Flusser (2017) justificou para o desenvolvimento da comunicação humana.

**Referências Bibliográficas**

ALTER, Adam. **Irresistível**: por que você é viciado em tecnologia e como lidar com ela. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ARMSTRONG, Martin. “Smartphone Addiction Tightens Its Global Grip”. **Statista**, 24 maio 2017. Disponível em: <www.statista.com/chart/9539/smartphone-addiction-tightens-its-global-grip/>. Acesso em: 07 nov. 2018.

BADIOU, Alain; TRUONG, Nicolas. **Elogio ao amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BLUMER, Herbert. “Sociedade como interação simbólica”. **RBSE — Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 16, n. 46, p. 14-22, abr. 2017.

BRIDLE, James. **A nova idade das trevas**: A tecnologia e o fim do futuro. São Paulo: Todavia, 2019.

CACIOPPO, John T.; CACIOPPO, Stephanie. “Solidão, uma nova epidemia”. **El País**, 13 abr. 2016. Disponível em: <https:/brasil.elpais.com/brasil/2016/04/06/ciencia/1459949778\_182740.html>. Acesso em: 07 nov. 2018

CACIOPPO, John T. et al. “Loneliness as a specific risk factor for depressive symptoms: Cross-sectional and longitudinal analyses”. **Psychology and Aging**, v. 21, n. 1, p. 140-51. 2006.

CACIOPPO, John T.; PATRICK, William. **Loneliness**: Human Nature and the Need for Social Connection. Nova York: W.W. Norton & Company, 2008.

CACIOPPO, Stephanie; CAPITANIO, John P.; CACIOPPO, John T. “Toward a neurology of loneliness”. **Psychological Bulletin**, v. 140, n. 6, p. 1464-504, nov. 2014.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. S o Paulo: Paz e Terra, 1999. v.1.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: A crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DEUZE, Mark. “Media Life”. **Media, Culture, & Society**, v. 33, n. 1, p. 137-148, jan. 2011.

EHRENBERG, A. **Das erschöpfte Selbst** — Depression und Gesellschaft in der Gegenwart. Frankfurt: Campus, 2004.

FLORIDI, Luciano. **The Fourth Revolution**: how the infosphere is reshaping human reality. Oxford: Oxford University Press, 2014.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAO, Junling. et al. **Mental health problems and social media exposure during COVID-19 outbreak**. PLoS ONE 15(4): e0231924. 2020 Disponível em:<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0231924>. Acesso em 29/05/2020.

GIANESINI, Giovanna; BRIGHI, Antonella Brighi. 2015. “Cyber- bullying in the Era of Digital Relationships: The Unique Role of Resilience and Emotion Regulation on Adolescents’ Adjustment”. **Sociological Studies of Children and Youth**, v. 19, p. 1-46, set. 2015.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: Perspectivas do digital. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do eros**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017c.

HARI, Johann. **Lost Connections**: Uncovering the real causes of depression — and the unexpected solutions. Londres: Bloomsbury, 2018.

KARASEK, Felipe S. “O conceito de pós-modernidade em Lyotard e a possibilidade da influência nietzschiana”. **Sessões do Imaginário**, ano 15, n. 23, p. 79-86, ago. 2010. Disponível em: <http:/revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/7791> Acesso em: 19 nov. 2018.

KOZINETS, Robert. **Netnography**: Doing Ethnographic Research On-line. Londres: SAGE Publications, 2010.

LACAN, Jacques. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Original publicado em 1953).

LACAN, Jacques. **O seminário livro 8**: a transferência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Original publicado em 1960-1961).

LACAN, Jacques. **Seminário: a angústia**. Publicação interna da Associação Freudiana Internacional, 1997-1998. (Original publicado em 1962-1963).

LACAN, Jacques. **O seminário livro 2**: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Original publicado em 1954-1955).

LACAN, Jacques. **O seminário livro 5**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (Original publicado em 1957-1958).

LALAYANTS, Marina; PRINCE, Jonathan D. “Loneliness and Depression or Depression-related Factors Among Child Welfare-involved Adolescent Females”. **Child and Adolescent Social Work Journal**, v. 32, n. 2, p. 167-76, 2014.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. S o Paulo: Ed. 34, 2010.

LIN, LIU LY et al. “Association between Social Media Use and Depression among U.S. Young Adults”. **Depress Anxiety**, v. 33, n. 4, p. 323- 31, jan. 2016. Disponível em: <www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/ PMC4853817/>. Acesso em: 11 nov. 2018.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**, respostas a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **O meio é a massagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PARIGI, Paolo; HENSON, Warner. “**Social Isolation in America**”. Annual Review of Sociology, v. 40, p. 153-171, jan. 2014.

QUINET, Antônio. A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade. Em: QUINET, Antônio et. al. **Psicanálise, Capitalismo e Cotidiano**. Goiânia: Edições Germinal, 2002. p. 32-38.

SENOL-DURAK, Emre; DURAK, Mithat. “The Mediator Roles of Life Satisfaction and Self-Esteem between the Affective Components of Psychological Well-being and the Cognitive Symptoms of Problematic Internet Use”. **Social Indicators Research**, v. 103, n. 1, p. 23-32, 2011.

TURKLE, Sherry. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

TURKLE, Sherry. **Fronteiras do real e do virtual**. Revista Famecos. Porto Alegre, dezembro de 1999. n.11. p. 117 – 123.

UNA/SUS. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 29/05/220.

WELLMAN, Barry. “Physical place and cyberspace: the rise of personalized networking”. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 25, n. 2, p. 227-252, 2001.

WINE, Noga. **Pulsão e inconsciente**: a sublimação e o advento do sujei- to. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

**WORLD HEALTH ORGANIZATION**. “Depression”. 22 mar. 2018. Disponível em: <www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/de- pression>. Acesso em: 10 nov. 2018.

1. Mestrando de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação na Linha de Processos Comunicacionais: Tecnologias, Produção e Consumos, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Contato: jeferson.goncalves@usp.br [↑](#footnote-ref-1)
2. Gao J, Zheng P, Jia Y, Chen H, Mao Y, Chen S, et al. (2020) **Mental health problems and social media exposure during COVID-19 outbreak**. PLoS ONE 15(4): e0231924. https://doi.org/ 10.1371/journal.pone.0231924. Disponível em:<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0231924>. Acesso em 29/05/2020. [↑](#footnote-ref-2)